

Ana Luzia Pinheiro de Freitas¹
José de Jesus Nunes Júnior²
Claudia Cunha^{3,4}
Sônia Maria Campelo Magalhães³
Tiago Tomé^{5,4}
Fernanda Lívia Batista da Costa¹
Izabela Pereira de Lima⁶
Amanda Caroline Carvalho de Siqueira⁷

SOBRE CONTAS E TRANÇADOS: ANÁLISE DOS ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS EM MATERIAIS PERECÍVEIS DO INDIVÍDUO PROVENIENTE DO SÍTIO LAGOA CERCADA (COLÔNIA DO GURGUÉIA, PIAUÍ)

ON BEADS AND BRAIDS: AN ANALYSIS OF THE PERISHABLE FUNERARY GOODS OF AN INDIVIDUAL EXHUMED FROM THE ARCHAEOLOGICAL SITE OF LAGOA CERCADA (COLÔNIA DO GURGUÉIA, PIAUÍ)

¹ Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Piauí.

² Graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Piauí.

³ Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Piauí.

⁴ Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, Universidade de Coimbra.

⁵ Universidade Federal de Minas Gerais.

⁶ Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco.

⁷ Corisco – Arqueologia & Patrimônio.

RESUMO

No sítio Lagoa Cercada, localizado em Colônia do Gurguéia (PI), foram coletados os restos esqueléticos de um indivíduo indígena provavelmente pré-colonial depositado à superfície em gruta exibindo excepcional preservação de material ósseo e tecidos moles mumificados naturalmente. O pacote artefactual associado a este contém mais de 829 contas de colar, fibras vegetais trançadas, um fragmento de têxtil e um punho de rede de dormir. Esses artefatos perecíveis foram examinados e mensurados, considerando-se suas características físicas. Enterramentos em rede de dormir constituem uma tradição indígena registrada na História recente que remonta às populações arqueológicas do Nordeste Brasileiro e somam-se a outros contextos regionais com presença de cestaria e tecelagem. Neste sentido, o presente estudo corrobora dados etnográficos sobre a utilização de redes de dormir no cotidiano das comunidades indígenas e como espécie de mortalha ou invólucro funerário também em populações arqueológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Funerária; Exoval Funerário; Materiais Arqueológicos Perecíveis.

ABSTRACT

Skeletal remains of an individual displaying natural mummification were exhumed from the archaeological site of Lagoa Cercada, Colônia do Gurguéia (PI). The funerary goods associated with this individual include over 829 beads, vegetal fibers/threads, a fragment of textile, and a hammock ring. These perishable artifacts were analyzed considering their physical characteristics. Hammock burials are a regional funerary tradition recorded in recent History which dates to the archaeological populations from Northeast Brazil and add up to other regional contexts with evidence of basketry and weaving. This study corroborates ethnographic data on the use of sleeping hammocks by indigenous groups as well as its use as shrouds for the deceased.

KEYWORDS: Funerary Archaeology, Funerary Goods; Perishable Archaeological Materials.

INTRODUÇÃO

A inumação de cadáveres com acompanhamentos funerários é uma prática de deposição utilizada desde o Paleolítico Superior (MITHEN, 2003). São considerados acompanhamentos funerários todos os vestígios materiais depositados intencionalmente com o indivíduo ou remanescentes humanos como parte do tratamento funerário. A diversidade de rituais funerários sugere estruturas organizacionais complexas, pois compreendem dimensões sociais, econômicas e ideológicas dos grupos humanos.

Os rituais mortuários expressam dinâmicas biológicas, sociais e econômicas, através da preparação e tratamento do corpo, da organização do espaço funerário, da deposição (ou não) de acompanhamentos funerários e dos aspectos tafonômicos que operam sobre os restos biológicos neste tipo de contexto (BINFORD, 1971; PEARSON, 2005; DUDAY, 2006). O estudo dos acompanhamentos funerários é uma etapa de extrema relevância para a compreensão, mesmo que parcial, dos gestos funerários.

Os contextos funerários indígenas regionais expressam a complexidade social dos grupos tradicionais que ocuparam o Nordeste brasileiro. A região apresenta uma grande quantidade de sítios arqueológicos ao longo de toda sua extensão territorial, muitos deles contendo inumações acompanhadas com enxovais funerários elaborados (*ver, por exemplo* ALVIN e SOUZA, 1984; VERGNE e AMÂNCIO, 1992; MARTIN, 1994; MARTIN, 1995; GUIDON *et al.*, 1998; SILVA 2004; 2006; CASTRO, 2009; FAURE *et al.*, 2011; COSTA e LIMA, 2016; SILVA e CARVALHO, 2013; LIMA, 2012; LUZ, 2014; SILVA e FONTES, 2014; SILVA *et al.*, 2014; SILVA, 2017; LIMA *et al.*, 2017; CASTRO, 2018; SOUZA, 2018). O pacote funerário de enterramentos nos sítios arqueológicos da Toca do Enoque e Toca do Alto da Serra do Capim (LUZ, 2014) localizados no sul do Piauí apresentam diferentes elementos de cestaria/tecelagem como acompanhamento funerário, além de contas feitas de material vegetal e faunístico. A nível regional, chama a atenção os enterramentos do Sítio Arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco (LIMA, 2012) onde uma profusão de trançados, cestaria e tecidos, para além de contas de material vegetal e faunístico também foram escavados.

A região sudeste do Piauí é conhecida internacionalmente pelo elevado número de contextos arqueológicos estudados de forma aprofundada, particularmente a região do Parque Nacional da Serra da Capivara e seu entorno, razão que está na fundamentação para a sua inclusão na lista de locais de interesse cultural que são Patrimônio da Humanidade pela UNESCO¹.

O sítio arqueológico Lagoa Cercada está localizado em uma gruta sob rocha arenítica, nas ravinas do Morro Solto, no Município de Colônia do Gurguéia, Sudoeste do Estado do Piauí (Figura 1). Neste sítio, foi identificada a deposição de um indivíduo parcialmente mumificado pelas condições de preservação local – clima seco, circulação permanente de ar, ambiente protegido de animais necró-

¹ <https://whc.unesco.org/en/review/57/>

fagos, com acompanhamentos funerários que consistem em materiais de adorno, indústria em fibras vegetais e artefatos líticos.

Neste trabalho, pretende-se descrever e examinar os acompanhamentos funerários que acompanhavam o indivíduo do Sítio Arqueológico Lagoa Cercada, considerando a literatura arqueológica e etnográfica sobre rituais funerários indígenas – particularmente a cultura material associada a estes –, estabelecendo comparações para tentar compreender a complexidade de formas de uso deste tipo de indústria, a partir das práticas funerárias ainda perceptíveis no espólio do Sítio Lagoa Cercada, assim como identificar a tecnologia e materiais empregados na confecção dos artefatos. Devido à excepcional preservação da matéria orgânica observada nessa deposição funerária, daremos ênfase à cultura material elaborada sobre suportes perecíveis encontrada em associação com o indivíduo.

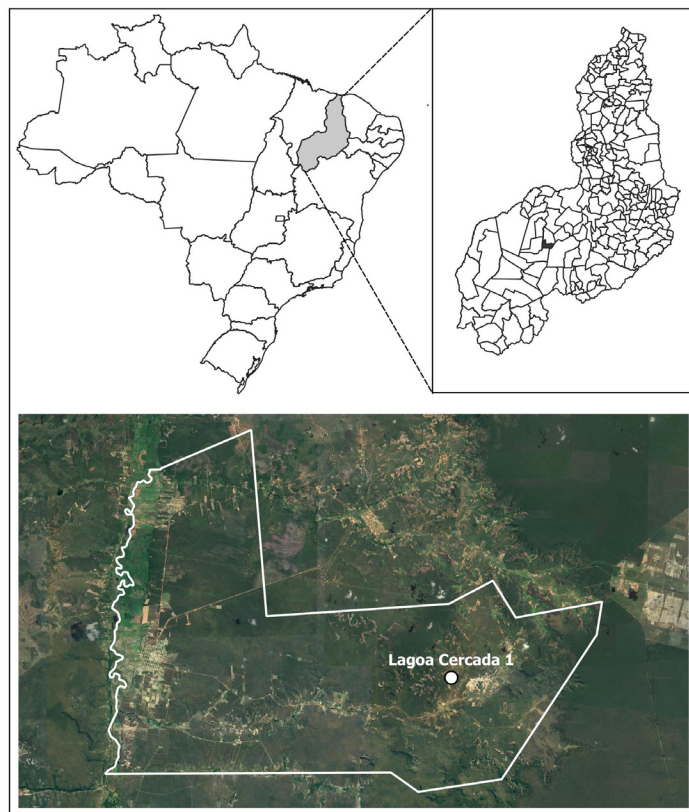


Figura 1: Mapa de localização do sítio no Município de Colônia do Gurguéia.

A coleta do material arqueológico proveniente do Sítio Lagoa Cercada seguiu procedimentos metodológicos não sistemáticos. Os remanescentes humanos foram descobertos em data incerta quando o proprietário da terra encontrou o fêmur esquerdo que teria rolado para fora da gruta por conta da inclinação do piso e força da gravidade. A metade inferior desse osso encontra-se meteorizada corroborando a explicação dos populares e as fotos dos populares durante sua recolha de que o material estivesse parcialmente exposto. O espólio funerário resulta então de recolha amadora realizada por populares, ainda que o processo tenha sido exaustivo e detalhadamente registrado com fotografias pelos coletores. O indivíduo e os acompanhamentos funerários foram recolhidos por moradores

da comunidade mais próxima ao sítio e doados ao Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em 2013.

A análise das fotos do processo de recolha e das alterações tafonômicas sugerem que a deposição do cadáver tenha sido em superfície aquando do seu tratamento funerário. O pouco sedimento que se acumulou sobre os remanescentes humanos resulta principalmente das paredes e tetos da gruta que são constituídas de arenito friável.

Em 2018, foi realizada a limpeza, documentação fotográfica, estudo paleobiológico, inventário e acondicionamento dos remanescentes humanos e pacote funerário correspondente (LIMA et al., 2018). Estes procedimentos técnicos foram executados no Laboratório de Paleontologia e Bioarqueologia da Universidade Federal do Piauí. Posteriormente a equipe do Laboratório de Osteoarqueologia da UFPI em parceria com o IPHAN-PI fez trabalhos de prospecção arqueológica no local de implantação do sítio e cercanias tentando estabelecer seus limites a partir da mancha de dispersão de materiais arqueológicos no entorno da gruta-necrópole.

Segundo Lima *et al.* (2018), o indivíduo está parcialmente mumificado. Foram recuperados em estado de mumificação o crânio – ainda em articulação com a mandíbula – e vértebras cervicais. As vértebras restantes e o sacro estavam desarticulados. Outros ossos igualmente desarticulados (escápula, clavícula, costelas, coxal e úmero) também foram recuperados, sendo todos de lateralidade esquerda. Da porção apendicular superior, o antebraço (rádio e ulna) e a mão esquerda, encontram-se mumificados e articulados. Do esqueleto apendicular inferior, está presente apenas o fêmur esquerdo. Portanto, do ponto de vista da representatividade, esse conjunto corresponde a um pouco menos da metade do esqueleto. Pensamos que tal fato deriva das condições da recolha não-sistemática dos remanescentes humanos.

O perfil paleobiológico indica tratar-se de um indivíduo adulto do sexo feminino e de idade avançada. Ela apresenta sinais de degeneração articular intervertebral severa, bem como nas articulações coxofemoral e glenoumeral. Existe evidência de uma fratura remodelada na segunda costela esquerda. O indivíduo apresenta perda *ante mortem* da maior parte da dentição (LIMA et al., 2018).

MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais estudados aqui consistem no enxoval funerário do único indivíduo até agora coletado do Sítio Arqueológico Lagoa Cercada. Foram identificados artefatos líticos lascados, além de serem recuperados fragmentos e contas soltas de um colar (do qual ainda foi possível recuperar porções *in situ* aderidas à pele do pescoço do indivíduo) (Figura 2), fragmentos de uma rede e trançados em fibra vegetal. Amostras de pele, ossos, músculos, unhas, dentes, cabelo e mucosa oral deste indivíduo foram enviadas para análise de isótopos e datação por C14 como vistas a uma futura publicação de seu perfil paleobiológico, bem como isotópico. Apesar de não haver datação absoluta, os materiais recolhidos do contexto funerário, bem

como aqueles observados em caminhamento no sítio arqueológico apenas produziram material indígena, sugerindo que essa ocupação seja pré-contato.

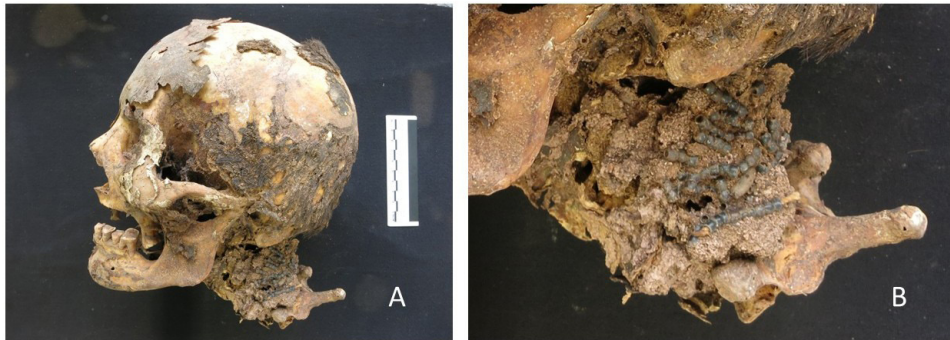


Figura 2: Crânio e vértebras cervicais do indivíduo de Lagoa Cercada (A) com fragmentos do colar aderido à pele do pescoço (B).

Nas proximidades do sítio foram encontrados pelo proprietário do terreno alguns artefatos líticos polidos (um machado semilunar e um machado oblongo) que podem estar associados ao grupo que utilizou aquele espaço, pois fazem parte da mancha de ocorrência de materiais arqueológicos que caracterizam a ocupação do entorno da gruta. Tais artefatos, no entanto, não serão aqui analisados, por não estarem em associação direta com o indivíduo.

Os diferentes materiais foram submetidos a exames ópticos com lupa (Powerfix Profi+/Z30225) e a um diagnóstico de cor com o uso da escala cromática Munsell (1975), sob iluminação natural e artificial (lâmpada fluorescente em espaço ausente de incidência de luz natural). A cor dos materiais bem como sua textura e aparência geral foram parâmetros utilizados na tentativa de estabelecer possíveis matérias primas utilizadas na sua confecção. Alterações na cor também são indicativos de processos tafonômicos pós-deposicionais envolvidos na diagênese.

Procedeu-se à medição do diâmetro e altura das contas, assim como da espessura dos trançados com uso de paquímetros plásticos (Disma – 6" 150mm). Os dados obtidos passaram por análise de estatística descritiva de média e desvio padrão utilizando-se 30 exemplares para cada categoria, exceto em dois casos em que a amostra corresponde a 24 e 28 exemplares conservados respectivamente. As medições foram realizadas no Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP).

RESULTADOS

Durante a limpeza e estudo do material, foi inventariada a cultura material perecível associada ao indivíduo (Figura 2). O pacote funerário identificado incluía: punho de rede (um); fragmento têxtil (um); fecho do colar (dois); contas soltas inteiras (829); contas *in situ* em fragmentos do trançado tipo I (35); fragmentos de contas (104); fragmentos de trançado tipo I com contas (416); fragmentos de trançado tipo II (535); fragmentos de trançado tipo III (31); fragmentos de trançado tipo IV (30) (Figura 3).



Figura 3: Alguns dos artefatos que compõem o enxoval funerário perecível.

Os trançados apresentam quatro espessuras distintas, que serviram à sua categorização. Através da análise óptica com lupa, foi possível perceber a existência de dois tipos de fibras vegetais diferentes. A primeira delas, de material bastante tafonominizado, pertence ao trançado I, apresenta um material mais fino e delicado, provavelmente de algodão. A segunda fibra, de material mais firme, está presente nos trançados II, III e IV (Figura 4). Para o diagnóstico de cor através da escala cromática Munsell, foi escolhida uma amostra de cada tipo de material. Sob luz natural, os resultados foram: Trançado I (10YR 7/8 - *yellow*), Trançados II, III e IV (10YR 3/4 - *dark yellowish brown*), Conta (10YR 2/1 - *black*). Já em luz artificial, os resultados foram: Trançado I (10YR 7/6 - *yellow*), Trançados II, III e IV (7.5YR 4/4 - *brown*) e Conta (10YR 2/1 - *black*).



Figura 4: Trançados tipo I, II, III e IV.

As contas de colar foram provavelmente feitas de endocarpo de algum tipo de *Arecaceae* cuja espécie não foi possível identificar². Todas foram executadas por polimento, apresentando formato redondo com perfuração central. Tamanho e formato são uniformes. Foram recuperados os fechos do colar ainda conectados a segmentos do fio com contas. Em um dos lados, uma semente de espécie até agora não identificada foi usada como fecho e, no outro lado, um amarrado com penas das quais ainda restam fragmentos presos ao nó do fio (Figura 5).



Figura 5: As duas partes do fecho do colar com fragmentos do fio e contas ainda *in situ*.

Após realizada a mensuração das contas e trançados, os dados obtidos estão representados nas Tabelas 1 e 2. Para a realização das medidas, foram escolhidos fragmentos nos quais a morfologia do trançado estivesse preservada. No caso do trançado III e do trançado IV, os fragmentos medidos não chegam a 30 devido a sua destruição tafonômica.

Tabela 1. Valores Médios e de desvio-padrão de Largura dos Trançados.

	Nº Amostras	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Trançado I	30	1,2 mm	0,2 mm	1,0 mm	1,4 mm
Trançado II	30	1,8 mm	0,2 mm	1,6 mm	2,0 mm
Trançado III	24	5,9 mm	0,8 mm	5,1 mm	6,7 mm
Trançado IV	28	7,2 mm	0,7 mm	6,5 mm	7,9 mm

Tabela 2. Valores Médios e de desvio-padrão de Diâmetro e Altura das Contas do Colar.

	Nº Amostras	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Contas (Diâmetro)	30	2,2 mm	0,3 mm	1,9 mm	2,5 mm
Contas (Altura)	30	1,9 mm	0,5 mm	1,4 mm	2,4 mm

² Conforme comunicação pessoal de Lúcia van Velthem e Claudia Lopez, Museu Paraense Emílio Goeldi.

De acordo com a classificação de Ribeiro (1988), os trançados encontrados no enxoval funerário aqui analisado são considerados trançados torcidos e sua confecção consiste em rodar dois elementos da trama relativamente flexíveis, originando um cordão helicoidal. Considerando-se que foram identificados um fragmento têxtil e um punho, provavelmente provenientes de uma rede de dormir, é possível afirmar, por conseguinte, que grande parte dos trançados encontrados são fragmentos desse objeto e podem ter feito parte da constituição da rede.

A localização de um fragmento têxtil (Figura 6) com cerca de 12 cm²- aderido à pele do rosto do indivíduo-, sugere que este tenha sido envolto pela rede (ou pelo menos depositado sobre ela no ato de seu sepultamento).



Figura 6: Fragmento têxtil.

DISCUSSÃO

A manufatura de objetos com fibras vegetais é prática comum nas sociedades indígenas brasileiras, podendo desempenhar vários papéis de natureza social, econômica e cultural. Desde o Período Pré-contato, os grupos indígenas utilizam tais objetos no seu cotidiano, tanto para finalidades práticas funcionais como para funções e usos funerários (LOWIE, 1946; CASTRO, 2004; VIDAL, 1992; TORAL, 1992; GRUBER, 1992). Grande parte da indústria desses povos são feitos até hoje de fibras vegetais, incluindo contentores (cestos, paneiros, sacolas), objetos para processamento de alimentos (peneiras, tipitis), materiais construtivos (fios, cordões, cordas), mobiliário (redes, esteiras) e adornos dos mais variados.

Nos tratamentos funerários descritos na literatura etnográfica, etno-histórica e arqueológica, os indivíduos mortos ou remanescentes humanos são colocados em envoltórios, tais como urnas, esteiras, redes, fibras vegetais, pedras, cai-

xões de madeira, canoas, entre outros (ver por exemplo, STEWARD, 1946; MARTIN, 1994; METRAUX, 1997 *apud* SOUZA *et al.*, 2002; CASTRO, 2004; 2009; SILVA, 2004; LUZ, 2014; BELTRÃO *et al.*, 2015; SOUZA, 2018). De alguma forma, provavelmente, existiria no sistema simbólico desses grupos indígenas uma concepção de proteção em relação à preparação do cadáver a ser inumado, tal proteção podendo vir sobre o cadáver ou sobre a terra que receberá a deposição deste (CASTRO, 2004).

Embora Solari e coautoras (2022) afirmem haver identificado um enterramento em rede no Sítio Arqueológico Toca do Alto da Serra do Capim (Parque Nacional Serra das Confusões, Piauí), estas infelizmente não apresentam evidências que demonstrem claramente a diferença entre o invólucro que denominam “rede” e os demais invólucros em fibra vegetal recuperados do mesmo contexto. Não há descrição de elementos distintivos estruturantes do que seria uma rede, como por exemplo o punho de tal objeto. Assim não podemos comparar tal artefato com o material recuperado do Sítio Lagoa Cercada que apresenta parte do tecido do corpo da rede (ainda aderido à pele mumificada do indivíduo), cordões que comporiam o mamucabo (fios que ligam o corpo da rede ao punho) e um dos punhos feito em forma de nó circular a partir dos cordões do mamucabo (Figura 7).



Figura 7: Punho da rede em duas vistas.

As redes para dormir de fabrico indígena são objetos – feitos com fibras vegetais – de uso cotidiano que compõem o mobiliário de determinados grupos no território brasileiro, desempenhando também diferentes papéis socioculturais. Em alguns casos, o tamanho representa a hierarquia social dos indivíduos, mas, de modo geral, as redes fazem parte do tratamento funerário de diferentes etnias (CASTRO, 2004; CASCUDO, 2015; RIBEIRO, 1988; LOWIE, 1946).

Segundo Binford (1971), dentre todos os sistemas sociais, as práticas funerárias, dentro de um determinado grupo social, perpetuam-se em maiores escalas

temporais, ou seja, são manifestações estáveis ao longo do tempo, portanto, a etnografia comparada ao contexto arqueológico pode auxiliar na compreensão dos rituais funerários e deposição dos materiais preservados no registro arqueológico.

Alguns relatos etnográficos do século XVI e XVII fazem menção às práticas funerárias indígenas realizadas no Nordeste brasileiro. Hans Staden, André Thevet, Gabriel Soares de Souza, Pero de Magalhães Gândavo e Gaspar Barleus mencionam que os cadáveres em populações pós-contato eram depositados em suas redes para o sepultamento e acompanhados de mobiliário funerário diversificado, desde materiais da fauna e flora (geralmente alimentos), até objetos pessoais, havendo variações entre diferentes grupos étnicos (CASTRO, 2004). Considerando as populações atuais, temos, por exemplo, o caso dos Wayana, povo de língua Karib que habita a região fronteira entre Brasil, Suriname e Guiana Francesa e que possui relação íntima com suas redes. Considerada uma minúscula aldeia, estritamente individual, a rede desempenha o papel místico de “passagem” para a aldeia dos mortos (VELTHEM, 2003). Após a morte do indivíduo, é através do punho da rede que o espírito deixa a aldeia dos vivos, fazendo a transição para a aldeia dos mortos.

Os relatos dos cronistas e os dados das populações atuais não fornecem informações suficientes para realizar possíveis analogias diretas entre esses contextos e o contexto arqueológico, porém permitem compreender que essas práticas descritas poderiam ter paralelos no registro arqueológico, levando em consideração as semelhanças na cultura material entre ambos os contextos.

Apesar das contribuições etnográficas e etno-históricas, até onde sabemos, evidências materiais comprovando a utilização de redes de dormir nos enterramentos indígenas do Nordeste brasileiro foram descritas na literatura dessas áreas. O sítio arqueológico Lagoa Cercada é o primeiro caso que comprova a utilização de rede de dormir como invólucro para o cadáver em contextos arqueológicos funerários do Nordeste brasileiro, através da cultura material associada. Evidências diretas disso são a existência de um punho de rede em excelente estado de preservação (Figura 7, acima), fragmentos de tecido ainda aderidos à pele mumificada do indivíduo e um grande número de fragmentos de fios trançados de diferentes espessuras que, provavelmente, fariam parte desse objeto.

Como já mencionado anteriormente, o Nordeste brasileiro apresenta uma grande variedade de comportamentos funerários em contexto arqueológico. As similaridades observadas nos sítios arqueológicos podem refletir contatos entre diferentes grupos, visto que as práticas funerárias podem se perpetuar por mais tempo, sofrem menor grau de alteração e são manifestações intrínsecas ao sistema ideológico dos grupos humanos (BINFORD, 1971). Porém, alguns autores sugerem que, tal como a roupa ou a etiqueta, os tratamentos funerários são um tipo de manifestação cultural sujeito a modas (KROEBER, 1927) e, ainda, que é necessário considerar o fato de que um mesmo objeto pode ter diferentes significados simbólicos em culturas diferentes (UCKO, 1969). Para Goldstein (1981), uma

visão muito rígida das práticas funerárias impede a consideração de possíveis variações intra-populacionais. Assim, levando também em consideração a ausência de um marco temporal claro para os vários exemplos descritos, podemos apontar apenas as semelhanças da cultura material entre os vários contextos.

Dois sítios de excelente grau de preservação em Pernambuco, o sítio arqueológico Alcobaça (Município de Buíque) e o sítio arqueológico Furna do Estrago (Município de Brejo da Madre de Deus), forneceram sólidas evidências do uso de cestaria e tecelagem em contextos funerários. Alcobaça é um abrigo sob rocha escavado entre os anos de 1996 e 2001. Dele foram exumados cinco indivíduos e seus respectivos acompanhamentos funerários que consistiam em vestígios de restos vegetais e artefatos trançados representados por cordões e cestarias (MARTIN, 1994; SILVA, 2004, COSTA e LIMA, 2016). O sítio arqueológico Furna do Estrago, escavado na década de 1980, produziu artefatos líticos lascados, colares de contas de diversos materiais (pedra, osso, concha, semente) e dentes, para além de cestaria e tecelagem (LIMA, 2012; COSTA e LIMA, 2016).

Analisando a indústria trançada dos acompanhamentos funerários em ambos os sítios, Costa e Lima (2016) sugerem o uso de diferentes técnicas de manufatura. As fibras, fios e tramas (torcidas, trançadas ou costuradas) teriam como resultado a produção principalmente de esteiras e cestos. Vale a pena ressaltar que esteiras e redes cumprem a mesma função de mobiliário doméstico para diferentes grupos indígenas, são objetos empregados para dormir tão disseminados e tão ligados à identidade indígena que serviram de marcadores distintivos (rede *versus* esteira) para diferentes grupos e etnias (STEWART, 1946).

Considerando ainda o sítio arqueológico Furna do Estrago, percebe-se a utilização de fibras vegetais durante os sepultamentos, (fragmentos de cordéis, cestas e esteiras) (SOUZA *et al.*, 1998). As fibras vegetais presentes foram categorizadas em dois tipos. Aquelas utilizadas na fabricação de esteiras, cestas ou bolsas, são de fibra de palmeira (*Attalea*); já aquelas utilizadas para a fabricação de cordéis são fibras de caroá (*Neoglaziovia variegata*). As esteiras, em sua maioria, fazem parte do ritual de sepultamento, pois formam uma espécie de "forro". Como os materiais presentes no sítio possuem boa preservação, foi possível analisar técnicas de manufatura, sendo uma delas o Torcido Simples.

Nas regiões Sudeste e Sudoeste do Piauí foram identificados vários sítios funerários dos quais a Toca da Baixa dos Caboclos e a Toca do Enoque apresentam materiais perecíveis em bom estado de conservação compondo a cultura material. O sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos está situado no município de Capitão Gervásio de Oliveira, Sudeste do Piauí. Trata-se de um abrigo sob rocha arenítica, localizado à meia encosta, na Chapada do São Francisco, no enclave arqueológico da Serra da Capivara. Nele foram identificados restos humanos depositados em urnas funerárias, associados a seus respectivos enxovais fúnebres, exceto uma inumação bastante preservada na qual o esqueleto estava associado a restos de fibras vegetais trançadas (GUIDON *et al.*, 1998; SOUZA *et al.*, 2002; SILVA, 2006).

O sítio arqueológico Toca do Enoque está localizado no Município de Guaribas, Sudoeste do Piauí, no Baixão das Andorinhas, Parque Nacional Serra das Confusões. Trata-se de um abrigo sob rocha, formado em uma falésia de arenito. Nesse sítio, foi encontrado um conjunto sepulcral com dezessete indivíduos associados a seus respectivos enxovais funerários variados, compreendendo artefatos líticos lascados, núcleos e percutores, ossos de fauna, adornos produzidos em ossos de animais, dentes e conchas. Em um nível em particular, foram encontradas fibras vegetais trançadas associadas a um indivíduo (FAURE; GUÉRIN; LUZ, 2011). O sítio arqueológico da Toca do Alto da Serra do Capim, também localizado no Município de Guaribas (PI) e próximo à Toca do Enoque, apresenta para além da suposta rede (LUZ, 2014) enterramentos envoltos em fibras. Trata-se de uma gruta onde foram encontrados restos humanos provenientes de cinco indivíduos: um enterramento individual, primário e indireto (fibras e trançados envolviam o esqueleto, formando uma espécie de esteira ou rede) de uma criança e fragmentos de ossos humanos cremados correspondentes ao NMI de quatro outros. Grande parte dos ossos encontrados apresentava marcas de fogo, o que não é percebido no enterramento da criança. Os acompanhamentos funerários variam entre material lítico, fibras trançadas, contas de sementes, ocre e um adorno confeccionado com dentes de roedores, dente de felino e pingentes de ossos longos de aves, além de vestígios de fogueiras (LUZ, 2014; SOLARI *et al.*, 2022).

Os sítios acima descritos possuem materiais arqueológicos semelhantes aos encontrados com o indivíduo de Lagoa Cercada. Estando localizados no Sudeste e Sudoeste do Piauí, respectivamente, os sítios arqueológicos Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Enoque e Toca do Alto da Serra do Capim são os mais próximos ao sítio Lagoa Cercada, também no Sudoeste do mesmo Estado. Todos eles apresentam adornos em seu enxoval funerário, apesar de nem todos os adornos serem confeccionados a partir de matéria vegetal. Os três sítios apresentam fibras vegetais trançadas e preservadas, tanto por conta de condições ecológicas excepcionais (clima seco e quente) quanto pela escolha do ambiente de deposição por parte das comunidades indígenas regionais, que parece favorecer o enterramento em cavidades naturais, geralmente em locais altos, ventilados e de difícil acesso.

Os sítios Alcobaça e Furna do Estrago, ambos de Pernambuco, apresentam manufatura em fibras vegetais que, de certa, forma remetem à prática observada no enterramento do indivíduo de Lagoa Cercada. Em especial, no sítio Furna do Estrago, esteiras foram usadas como envoltório de forma semelhante à rede. No sítio Alcobaça, as covas são forradas com fibras vegetais. Em todos os casos, quer usem esteiras, rede, ou fibras vegetais não trançadas, a noção de isolamento entre o corpo e o sedimento está presente, mas há também a sugestão de que o morto leve para o túmulo o/um elemento de mobiliário que no dia a dia está associado aos momentos de sono ou descanso.

Os adornos são elementos recorrentes nos sítios funerários indígenas tendo sido frequentemente reportados, tanto na literatura etno-histórica (RIBEIRO,

1988; STEWARD, 1946) quanto na arqueológica (MARTIN, 1994; SOUZA *et al.*, 2002; MITHEN, 2003; SILVA, 2004; FAURE; GUÉRIN; LUZ, 2011; LIMA, 2012; LUZ, 2014; SILVA, 2017; CASTRO, 2018). As contas usadas em colares, pulseiras e outros objetos de adorno são produzidas nas mais diversas matérias primas de origem vegetal (sementes, madeiras, endocarpo de várias espécies de palmeiras), animal (dentes, garras, osso) e mineral. Normalmente, os fios de colares são feitos de fibras vegetais. Da literatura regional consultada, depreende-se que apenas a Furna do Estrago e Lagoa Cercada apresentam contas de colares de matéria-prima vegetal. As contas de Lagoa Cercada sugerem complexidade tecnológica, pois exibem tamanho uniforme, em ordens milimétricas, e estão em grande quantidade em um único enterramento individual. Ainda não foi possível reconstruir o modo de produção empregado na confecção desses artefatos, entretanto, o indivíduo produtor das contas seria provavelmente especializado ou significativamente experiente na sua confecção, dada a uniformidade do produto final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas funerárias compreendem um sistema extremamente complexo que envolve dinâmicas tecnológicas e simbólicas próprias de cada sistema cultural nos grupos humanos. A cultura material que compõe o enxoval funerário associado aos indivíduos inumados de sítios arqueológicos tem potencial para informar sobre a tecnologia, a estética e, em certa medida, sobre o sistema de crenças das populações do passado. São um indicativo de um sistema de crenças em um outro mundo, aquele em que o morto fará uso desses objetos. Ao mesmo tempo nos indica quais tipos de objetos faziam parte do seu dia a dia e quais eram permitidos ou aconselháveis levar para o mundo dos mortos.

A recorrência de determinados objetos, técnicas e matérias-primas observada nos sítios arqueológicos do Nordeste brasileiro reforça a persistência da utilização de artefatos provenientes de cadeias operatórias sobre fibras vegetais utilizados como uma espécie de mortalha/envoltório, como fibras soltas, esteiras, cestaria e redes. Tal recorrência pode apontar para a importância não apenas econômica, mas, sobretudo, simbólica desses materiais. Da mesma forma, artefatos de decoração pessoal passam do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, talvez como marcadores do sistema simbólico no qual o indivíduo estava inserido, mas, também, como marcadores de identidade desse indivíduo ou do grupo. Jamais saberemos quais histórias essas contas um dia narraram, mas o acaso dificilmente teve papel fundamental no fato de elas acompanharem o morto.

O sítio arqueológico Lagoa Cercada apresenta novas contribuições ao conhecimento sobre os contextos funerários do Nordeste brasileiro, devido ao seu registro arqueológico extremamente bem preservado, apesar de a sua recolha não ter sido sistemática. Ele corrobora dados etnográficos sobre a utilização de redes de dormir no cotidiano das comunidades indígenas e como espécie de mortalha nos enterramentos, apresentando similaridade com outros sítios arque-

ológicos, sendo dois localizados no Estado do Piauí (Lagoa Cercada e Toca do Alto da Serra do Capim). Nesses sítios, há uma recorrência do uso de artefatos de fibra vegetal associados aos enterramentos, sejam essas fibras trançadas, torcidas ou soltas, em forma de cestaria, esteira ou rede. Este estudo apresenta de forma inequívoca que pelo menos parte dos cordões, trançados, tecido e punho compunham uma rede empregada durante o tratamento funerário de um indivíduo arqueológico indígena.

Os colares de contas também são presença recorrente nesses contextos, com recurso a diferentes materiais. No caso do enterramento de Lagoa Cercada, o conjunto de contas recuperado demonstra uma capacidade técnica muito especializada na produção de um número elevado de contas com grande padronização em termos de forma e, sobretudo, das dimensões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Marília C. M.; SOUZA, Sheila. M. F. M. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco: estado morfológicos e patológicos. **Clio Arqueológica**, vol. 1, 95-97, 1984.

BELTRÃO, Jane; LOPES, Rhuan.; CUNHA, Mainá.; MASTOP-LIMA, Luiza.; DOMINGUES, William.; TOMÉ, Tiago. Vida e morte entre povos indígenas. **Espaço Ameríndio**. vol. 9 (1), p. 206-238, 2015.

BINFORD, Lewis. **Mortuary Practices**: their study and their potential. *Memoirs of the Society for American Archaeology. Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*. vol. 25, p. 6-29, 1971.

CASCUDO, Luís. C. **Rede de dormir**: uma pesquisa etnográfica. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

CASTRO, Viviane. M. C. O discurso dos cronistas acerca das práticas funerárias indígenas no Nordeste do Brasil: Séculos XVI e XVII. In: **V Encontro Nordestino de História e V Encontro Estadual de História**. Recife, ANPUH, UFPE, 2004.

CASTRO, Viviane. M. C. Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil. Recife, 2009. 309 f. Tese de Doutorado. UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 209.

CASTRO, Viviane. M. C. Sítio Furna do Estrago, PE: Práticas Funerárias e Marcadores de Identidades Coletivas. **Clio Arqueológica**, vol. 33 (2), p. 330-371, 2018.

COSTA, Rodrigo. L.; LIMA, Tania. A. A Arte e a Técnica de Trançar na Pré-história de Pernambuco: A cestaria dos sítios Alcobaça e Furna do Estrago. **Clio Arqueológica**, vol. 31 (2), p. 102-152, 2016.

DUDAY, Henri. "L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort. Archaeotatology or the Archaeology of Death". Translation from the French by Christopher Knusel. In: GOWLAND R.; KNUSEL, C. (orgs.) **Social Archaeology of funerary remains**. Oxford, Oxbow Books, 2006, p. 30-35.

FAURE, Martine; GUÉRIN, Claude; LUZ, Maria F. O material funerário das sepulturas Pré-históricas da Toca do Enoque (Parque Nacional Serra das Confusões, Piauí, Brasil) **Clio Arqueológica**, vol. 26 (2), p. 289-317, 2011.

GOLDSTEIN, Lynne G. "One-dimensional archaeology and multi-dimensional people: Spatial organization and mortuary analysis." In: CHAPMAN, R.; KINNES, I.; RANDBORG, K. (orgs.) **The Archaeology of Death**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. p. 53-69.

GRUBER, Jussara G. 1992. "A arte gráfica Ticuna". In: VIDAL, L. (org.) **Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo, Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1992, p. 249-264.

GUIDON, Niède; PARENTI, Fabio; OLIVEIRA, Cláudia; VERGNE, Cleonice. Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional Serra da Capivara, Brasil. **Clio Arqueológica**, vol. 13, p. 187-197, 1998.

KROEBER, Alfred. Disposal of the dead. **American Anthropologist**, vol. 29, p. 308-315, 1927.

LIMA, Isabela P.; TOMÉ, Tiago; SIQUEIRA, Amanda C.; SILVA, Renara. N. C.; MAGALHAES, S. M. C.; CUNHA, Claudia. Estudo paleopatológico do indivíduo Pré-colo-

niais provenientes do Sítio Arqueológico de Lagoa Cercada, Piauí, Brasil. In: **VI Jornadas Portuguesas de Paleopatologia**, 2018, Coimbra. VI Jornadas Portuguesas de Paleopatologia. Coimbra: Universidade de Coimbra. Centro de Investigação em Antropologia e Saúde, 2018.

LIMA, Danúbia V. R. **Sobre morte e gênero**: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE. Recife, 2012. 195 f. Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 2012.

LIMA, Danúbia V. R.; MORAIS, Flavio A. A.; SANTOS, Juvandi S.; SANTOS JUNIOR, Valdeci. O sítio cemitério Furna dos Ossos em Santana do Matos-RN: Estudos Preliminares dos Restos Osteológicos Humanos Encontrados em Superfície. **Clio Arqueológica**, vol. 32 (2), p. 17-47, 2017.

LIMA, Jeannette M. **A Furna do Estrago no Brejo da Madre de Deus**, PE. Antropologia, Nº 69, 159 p. São Leopoldo: Unisinos. 2012.

LOWIE, Robert H. 1946. "Part. 3. The Indians of Eastern Brazil. Eastern Brazil: An Introduction." In: STEWARD, J. H. **Handbook of South American Indians**. Vol. 1 (The Marginal Tribes). Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, 381-397.

LUZ, Maria de Fátima. Práticas funerárias na área arqueológica da Serra da Capivara, Sudeste do Piauí, Brasil. Recife, 2012. 262 f. Tese de Doutorado – UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 2014.

MARTIN, Gabriela. Os Rituais Funerários na Pré-história do Nordeste. **Clio Arqueológica**, vol. 10, p. 29-46, 1994.

MARTIN, Gabriela. O cemitério Pré-histórico "Pedra do Alexandre" em Carnaúba do Dantas. **Clio Arqueológica**, vol. 11, p. 43-57, 1995.

MITHEN, Steven. "O big bang da cultura humana: as origens da arte e da religião". In: **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Unesp, 2002, p. 247-303.

PEARSON, Michael P. **The Archaeology of Death and Burial**. Gloucestershire: Sutton Publishing Limited. 2005.

RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do artesanato indígena**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ROCHA, Jacionira. As Tradições Funerárias no Vale do Médio São Francisco. **Clio Arqueológica**, vol. 4, p. 151-153, 1987.

SILVA, Daniela. Práticas funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife, 2004. 160 f. Dissertação de Mestrado – UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, 2004.

SILVA, Daniela. Práticas funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil: uma apresentação metodológica. Resumo de Dissertação. **Clio Arqueológica**, 12, 2006.

SILVA, Jaciara Andrade. **Ambientes funerários e a contribuição para novas leituras arqueológicas**: adornos em sepulturas humanas do sítio Justino/SE, como evidência do contato nativo americano/europeu. 2017. 200 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) -Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

SILVA, Jaciara A.; CARVALHO, Olívia A. Análise Arqueotanatológica de duas sepul-

turas infantis – Sítio Justino-SE. **Clio Arqueológica**, vol. 20, p. 171-207, 2013.

SILVA, Jaciara. A.; CARVALHO, Olívia A.; QUEIROZ, A. N. A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: arqueologia dos adornos. **Clio Arqueológica**, vol. 29 (1), p. 45-82, 2014.

SILVA, L. B.; FONTES, M. A. F. Queimaram ossos na Toca do Alto do Capim. **CADERNOS DO LEPARQ**, vol. 11 (22), p. 99-122, 2014.

SOLARI, Ana; FELICE, Gisele D.; PESSIS, Anne M.; MARTIN, Gabriela; GUIDON, Niede. From bodies in hammock bundles to commingled burnt remains: an archaeothanatological case study of a twostage burial cycle at Toca do Alto da Serra do Capim (MiddleLate Holocene, Northeastern Brazil). *Archaeological and Anthropological Sciences*. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12520-022-01569-4>. Acesso em: 15 de março de 2023.

SOUZA, Sheila M. Arqueologia Funerária e a Furna do Estrago. **Clio Arqueológica**, vol. 33 (2), p. 44-92, 2018.

SOUZA, Sheila M.; LIMA, Jeannette M.; CARVALHO, Olívia. A. Restos humanos calcinados: cremação em abrigo ou sepultamento de cinzas? **Revista de Arqueologia**, vol. 11, p. 107-124, 1998.

SOUZA, Sheila M.; VIDAL, Lux; OLIVEIRA, C.; VERGNE, Cleonice. Mumificação natural na toca da baixa dos caboclos, sudoeste do Piauí. **Canindé**, Xingó, n.2, p. 83-102, 2002.

STEWART, Julian H. **Handbook of South American Indians**. Vol. 1 (The Marginal Tribes). Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, 1946.

TORAL, A. A. "Pintura corporal Karajá contemporânea". In: VIDAL, Lux. (org.) **Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo, Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, p. 191-208, 1992.

UCKO, Peter. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. **World Archaeology** vol. 1, p. 262-280, 1969.

VAN VELTHEM, Lúcia. H. **O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana**. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, Ed. Assírio & Alvim, 2003.

VERGNE, Cleonice; AMÂNCIO, Suely. A necrópole Pré-histórica do Justino/Xingó-Sergipe: Nota Prévia. **Clio Arqueológica**, vol. 8, p. 171-180, 1992.

VIDAL, Lux. "A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté". In: VIDAL, L. (org.) **Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo, Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1992. p. 143-190.